

**Lucio Flavio Pinto**  
**Rumo à verdade (2)**

POVOS INDIGENAS  
NO BRASIL / CEDI  
DOCUMENTAÇÃO  
COD. D37 DATA 25.11.85

LIBERAL  
Belém / PA  
30.10.83

19

**J**ornalista que emite juízos diários sobre a dinâmica dos acontecimentos vê-se constantemente diante de impasses e desafios pungentes. Ele não apenas relata ocorrências ou transmite opiniões alheias: é obrigado a analisar os fatos, confrontar depoimentos, ir além das explicações dadas, apurar onde realmente está a verdade. Não é uma tarefa fácil para quem pretenda escrever com seriedade e segurança, qualidades indispensáveis para alcançar a credibilidade da opinião pública.

A dimensão das dificuldades, porém, é proporcional à recompensa dos resultados alcançados pela prática do jornalismo conseqüente, daquele que resulta na conciliação, a mais íntima quanto possível, com a verdade. Aquele jornalismo que resiste aos desmentidos e afirma-se sobre a vaga dos interesses contrários. Ou contrariados.

**A** polêmica irrompida a partir da denúncia do engenheiro agrônomo Sebastião Pinheiro é um desses desafios para o jornalismo investigativo. Numa deferência, que em outros países chega a ser considerada um dever, a Eletronorte enviou a Belém dois qualificados funcionários para esclarecer a questão. São profissionais sérios, cuja palavra, em si, pode merecer fé. Suas declarações foram convincentes, coerentes, lógicas. Mostraram o volume de documentos que lhes davam embasamento. Mas não permitiram que jornalistas mais interessados, ou mais cheios de dúvidas, os consultassem.

O repórter não é apenas uma máquina que ouve, vê e anota: ele também estuda, lê, investiga. Seu juízo é formado por uma combinação de métodos de percepção e fontes de consulta. Logo, para firmar uma posição analítica, precisa ter acesso à documentação primária, além de ter que eventualmente ir ao chamado cenário dos acontecimentos. Os graduados funcionários da Eletronorte ficaram de consultar a direção e a assessoria jurídica da empresa para conseguir a liberação do acesso aos documentos. Até lá, a produção de provas em favor da Eletronorte estará incompleta, ainda que sua argumentação seja respeitável.

**M**as a c o n t r a - argumentação dos que se julgam prejudicados exige resposta a vários pontos ainda obscuros, ou mal esclarecidos. Os relatos dos fazendeiros Valdecir Palhares e Romualdo Constantino Kerber questionam as explicações dadas pela empresa em vários aspectos:

1 — Reafirmam que a aplicação do herbicida na limpeza da faixa de passagem da linha de transmissão de energia Tucuruí-Belém causou efeitos muito amplos, desde a queima de pastos até a morte de animais e, inclusi-

ve, pelo menos duas pessoas, além de outras que sofreram doenças causadas por intoxicação.

2 — Para provar que houve vítimas humanas fatais, mostram uma declaração prestada em abril do ano passado pelo médico Motomu Aracava, que atendeu três pessoas com sintomas de intoxicação e envenenamento, duas das quais viriam a morrer. Na sua declaração, o médico, especialista em ginecologia e obstetrícia, destaca a "coincidência dos casos com o período em que houve pulverização com herbicidas na área". Sem um diagnóstico bem estabelecido, o médico levanta três questões sobre o produto químico utilizado: se ele leva à queda das defesas imunológicas da pessoa intoxicada; se é um agente nemotóxico; e se é nefrotóxico. São perguntas ainda irrespondidas.

3 — O fazendeiro Valdecir Palhares, que também é médico, acha que o herbicida pode não ser o Tordon-101-BR apontado pela Eletronorte como sendo o produto químico usado. Ainda que seja esse o herbicida, o fazendeiro acredita que pode ter havido combinação com outro produto químico. E ainda que apenas o Tordon-101 tenha sido utilizado, ele suspeita que a dosagem tenha sido excessiva.

4 — O fazendeiro acusa a Dow Chemical (ou sua subsidiária brasileira, a Dow Química) de ter interferido abusivamente nas análises procedidas na área, procurando esconder o nome do produto utilizado. O fazendeiro suspeita de alguma manipulação para esconder qual foi mesmo o agrotóxico aplicado. Os moradores locais, nos testes visual e olfativo com o Tordon, em várias diluições, negaram que aquele tivesse sido o herbicida usado. Um médico veterinário a serviço da Eletronorte teria dito a Valdecir que as aves são os animais mais resistentes ao Tordon, mas os urubus morreram logo depois de terem comido os restos dos bois mortos. Valdecir estranhou ainda que o Tordon lhe tenha sido descrito como possuindo coloração avermelhada, enquanto o suposto herbicida tinha cor branco-leitosa.

5 — Assim, o fazendeiro põe em dúvida vários itens da explicação da Eletronorte, convicto de que apenas o primeiro exame, realizado um mês após o início das mortes, teria podido retratar a verdade — e por isso, segundo ele, não chegou a ser revelado. Quando os demais foram realizados, a intensa chuva que cai na região no inverno já deveria ter carregado ou diluído o produto.

**A** Eletronorte retruca que esses argumentos não resistiram à verificação técnica e científica que empreendeu. Por isso, diz-se serena para enfrentar os tribunais, se for acionada. Esperemos que a imprensa não precise esperar até lá para poder esclarecer melhor a opinião pública.